

## **TRAÍDO PELA MEMÓRIA: EXPECTATIVAS E FRUSTRAÇÕES DE UM SUJEITO DIASPÓRICO**

Priscila Campolina de Sá CAMPELLO  
PUC MINAS  
priscilaccampello@yahoo.com.br

**Resumo:** Grande parte dos indivíduos que migram para outro país deseja, consciente ou inconscientemente, um dia, voltar ao local de onde saiu. Para o imigrante, o retorno a esse lugar significa uma forma de redescobrir um espaço do qual, um dia, já fez parte, assim como se enquadrar nesse contexto novamente e resgatar o que considera ser seu lar. Por isso, pode-se afirmar que, no país de chegada, o imigrante está em incessante busca por algo que ele acredita ter-se perdido ou ficado para trás com o deslocamento e que não será mais recuperado. No conto “He had dreamed of returning”, de Pauline Kaldas, o protagonista esperou, ansiosamente, 20 anos pelo momento da volta, mas, ao retornar para o Egito, todos os seus sonhos, planos e desejos não se realizam como almejou, o que o leva a tentar ressignificar o seu conceito de “lar”. Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar a crença do protagonista de que a volta para o Egito poderia ser um resgate do que havia supostamente perdido quando do exílio de sua família para os Estados Unidos.

**Palavras-chave:** diáspora; lar; memória; Pauline Kaldas.

Grande parte dos indivíduos que migram para outro país deseja, consciente ou inconscientemente, um dia, voltar ao local de onde saiu. Para o imigrante, o retorno a esse lugar significa uma forma de redescobrir um espaço do qual, um dia, já fez parte, assim como de se enquadrar nesse contexto novamente e resgatar o que considera ser seu lar. Por isso, pode-se afirmar que, no país de chegada, o imigrante está em incessante busca por algo que ele acredita ter-se perdido ou ficado para trás com o deslocamento e que não será mais recuperado. Ele passa a fantasiar e cultivar um vazio imaginário e insubstituível e, de certa forma, despreza os possíveis ganhos que o exílio pode proporcionar, por se manter sempre na expectativa do retorno, que é planejado com ansiedade. Todavia, ao retornarem, muitos desses sujeitos deslocados passam a se sentir incomodados e estrangeiros em seus próprios países. Esse retorno não corresponde àquelas lembranças e expectativas que alimentaram enquanto estiveram ausentes.

É o que se pode perceber no conto “He had dreamed of returning”, da escritora egípcio-americana Pauline Kaldas: o protagonista esperou, ansiosamente, 20 anos pelo momento da volta, e, ao retomar sua vida, seu trabalho e sua rotina no Egito, todos os seus sonhos, planos e desejos não se realizam como ele, por um longo tempo, almejou, o que o leva a tentar ressignificar o seu conceito de “lar”.

Diante dessas considerações, o objetivo deste trabalho é analisar a crença do protagonista de que a volta para o Egito poderia ser um resgate do que havia supostamente perdido quando do exílio de sua família para os Estados Unidos. Para isso, procura-se mostrar como seu desejo foi traído por sua memória, já que não é possível mantê-la congelada, imutável e isenta de qualquer influência ou esquecimento.

Para pensar nas causas que levam o imigrante a querer retornar à sua terra natal, é preciso considerar, primeiramente, o que o levou ao deslocamento, para, então, compreender por que muitos exilados não conseguem se desligar de seus países de origem e passam anos de suas vidas no exílio, sonhando com o dia da volta e com a vida que fora deixada para trás.

No caso do conto aqui focalizado, “He had dreamed of returning”, a mudança da família do Egito para os Estados Unidos teve como motivações o fato de o filho primogênito,

Bashir, ter morrido na guerra entre Egito e Israel, em 1967, e a possibilidade de uma nova guerra, que leva os pais a temerem que o filho mais novo, Hani, seja recrutado também e tenha o mesmo destino do irmão. Assim, aos 15 anos, Hani e seus pais partem para a América, realizando o trajeto que muitos egípcios estavam fazendo naquele momento também, na esperança de ali encontrar segurança e possibilidades de uma vida melhor. “Eles não eram os únicos que procuravam emigrar. Depois da guerra, muitas famílias olharam ao seu redor e não viram nenhuma esperança. Eles optaram em partir, começar tudo de novo em um país que seduzia com suas possibilidades”<sup>1</sup> (KALDAS, 2010, p.145). Para o rapaz, o deslocamento significou uma ruptura com suas origens, como se aquela vida tivesse sido arrancada dele, e a volta seria a oportunidade de resgatá-la.

Por 20 anos, Hani havia imaginado seu pouso de volta na terra que lhe havia gerado. Ele se via andando pelas ruas com a cabeça para o alto e seus largos ombros abraçando o mundo que legalmente pertencia a ele. As pessoas chamariam-no de Pasha e Ustaz, e ele encontraria o lugar que havia perdido. Ele tinha 15 anos quando foi levado, um jovem rapaz à beira da masculinidade. [...] ele havia sido repellido e a porta havia se fechado firmemente (KALDAS, 2010, p.141).<sup>2</sup>

A passagem acima aponta para várias questões que permeiam o desejo de Hani de retornar ao Egito. Em primeiro lugar, destaca-se o sentimento de pertencimento por direito: “o mundo que legalmente pertencia a ele”. Por ter nascido no Egito, aquele lugar lhe pertencia por direito, como se o nascimento garantisse ao indivíduo fincar uma bandeira de propriedade na terra, e o retorno, por sua vez, seria como apropriar-se novamente de algo que sempre fora dele. Há, portanto, um forte sentimento de posse em relação à sua pátria materna e, conseqüentemente, uma percepção de que o país receptor era apenas um lugar temporário e de transição. Em seus 20 anos de exílio “forçado” (atribuo esse termo ao exílio vivenciado pelo rapaz, por ter sido uma imposição dos pais; já para os pais, eu diria que foi voluntário, por escolha própria, embora levados pela conjuntura), Hani alimenta o desejo e planeja o futuro retorno.

Em segundo lugar, percebe-se a necessidade do resgate de um lugar que fora perdido com o deslocamento e que não será mais recuperado. É pertinente aqui lembrar a assertiva de Edward Said (2003, p.46): “[a]s realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre”. E, a partir disso, a criação estratégica do “paraíso perdido”. A idealização de que partira de um local “paradisiaco” e melhor do que o de chegada e que precisa ser encontrado novamente. Tal criação serve como instrumento de conforto, esperança e preenchimento de um vácuo, contribuindo, assim, para que o imigrante não desfaça os elos com o passado, como também não se apegue ou se comprometa demais com o lugar que habita no presente. Ao não interagir socialmente nos Estados Unidos e se dedicar somente aos estudos, Hani inconscientemente se recusa a estabelecer vínculos com o país hospedeiro. E, finalmente, chega ao entendimento de que havia sido “repellido”, expulso, banido, rechaçado da sua terra natal e que a porta fora fechada para si.

Se considerarmos a possibilidade de que o rapaz poderia ser recrutado a qualquer momento e os efeitos devastadores que uma guerra poderia desencadear, efeitos estes que

---

<sup>1</sup>“They were not the only ones who sought to emigrate. After the war, many families looked around them and saw the end of hope. They opted to leave, to start over again in a country that enticed with its possibilities”.

<sup>2</sup> “For twenty years, Hani had imagined his landing back on the land that had given him birth. He saw himself walking the streets with his head held high and his broad shoulders embracing the world that rightfully belonged to him. People would call him Pasha and Ustaz, and he would find the place he had lost. He was fifteen years old when it was taken away, a young boy on the brink of manhood. [...] he had been pushed away and the door had firmly closed”.

seriam duplicados nessa família que já havia perdido um filho nas mesmas condições, é plausível afirmar que a terra natal, de fato, o banuiu de lá com sua política bélica e a forma como dispunha de seus jovens. Mas, por outro lado, o exílio de sua família havia sido voluntário, como discutido anteriormente, e essa sensação de ter sido expulso soa mais como um superdimensionamento do que havia ocorrido do que propriamente de algo que de fato ocorrera. Não pretendo aqui desprezar o sentimento de Hani ou insinuar que ele não poderia ou deveria sentir-se deslocado em uma espécie de limbo, mas o texto aponta para um ressentimento em relação à morte do irmão, afinal, por um longo tempo, os pais ignoraram o rapaz, e ele viveu de forma invisível para eles.

Seus pais pareciam ignorar a sua presença e deixavam-no fazer o que quisesse. Não perguntavam sobre os trabalhos da escola ou onde estava indo. Ele começou a se sentir como um fantasma à medida que o silêncio aumentava ao seu redor. Somente quase um ano mais tarde ele começou a notar seus pais olharem para ele com um olhar prolongado e novamente a tratá-lo pelo nome<sup>3</sup> (KALDAS, 2010, p.144).

Como se, para compensar a ausência do irmão, preencher o lugar deixado por ele e atender às expectativas dos pais, que não poderiam mais se concretizar em relação ao filho primogênito, nos Estados Unidos, Hani termina o colegial, forma-se em Contabilidade, refugia-se na matemática, afinal, “[...] apenas a matemática fazia algum sentido; os números poderiam se traduzir através das línguas e sua soma permanecia a mesma [...]”<sup>4</sup> (KALDAS, 2010, p.145), e a precisão dos números não permitia que houvesse nenhum tipo de “desvio”<sup>5</sup> (KALDAS, 2010, p.146), ponto crucial na vida de Hani. Além disso, também continua morando na casa dos pais até se casar — uma insistência dos próprios pais — e convive com o constante desejo da volta. Esse desejo fora sempre tão intenso que, ao propor casamento a Nancy, uma colega americana das aulas de estatística e que seria sua futura esposa, ele imediatamente lhe revela que um dia gostaria de voltar a morar no Egito. “Algum dia posso querer voltar para o Egito. Não apenas para visitar. Quero morar lá”<sup>6</sup> (KALDAS, 2010, p.146).

A certeza de que esse tão almejado retorno seria uma atitude acertada e definitiva faz com que Hani e Nancy vendam sua casa e todos os seus pertences. Para ele, tudo será comprado e construído novamente no Egito. “Mas não era um lar novo na sua cabeça; mais propriamente, ele quase esperava encontrar um lar lá com o seu nome escrito nele, como se o mundo tivesse ficado parado esperando por ele. [...] Ele estava indo para casa”<sup>7</sup> (KALDAS, 2010, p.147). Pode-se considerar que essa vivência de Hani é uma experiência frequente de exilados que sonham com o dia do retorno e apostam todas as suas fichas na certeza de que esse movimento atenderia às suas expectativas e resolveria o conflito interno do não pertencimento e do estranhamento sentido no país hospedeiro. Porém, não é exatamente isso que ocorre em muitos casos de retorno, como de fato acontece com o nosso protagonista, o que veremos mais adiante.

---

<sup>3</sup>“His parents seemed unaware of his presence and let him do what he liked. They didn’t ask him about his schoolwork or question him about where he was going. He began to feel like a ghost as the silence grew around him. It wasn’t until almost a year later that he began noticing his parents looking at him with an extended gaze and again addressing him by name”.

<sup>4</sup>“[...] only math made some sense; numbers could translate across languages and their sum remained the same [...]”.

<sup>5</sup> “deviation”.

<sup>6</sup>“Someday, I might want to go back to Egypt. I don’t mean just to visit. I want to live there”.

<sup>7</sup>“But it wasn’t a new home in his mind; rather, he almost expected to find a home there with his name written on it, as if the world had stood still waiting for him. [...] He was going home”.

É possível afirmar que o regresso implica a diferença entre aquele que foi e o que retorna, agora mais crítico, mais perspicaz, e, por vezes, mais patriota. O indivíduo precisa aprender a lidar com esses sentimentos contraditórios e simultâneos. Na visão do teórico jamaicano Stuart Hall (2003, p.27):

[...] muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente.

Assim, ao retornar ao país de origem, o indivíduo precisa lidar com uma realidade já diferente. Uma vez que sua visão não é mais a mesma, ele vive à margem também em sua própria terra, como argumenta Kristeva (1994, p.27; grifo da autora):

[...] todo nativo sente-se mais ou menos “estrangeiro” em seu “próprio” lugar e esse valor metafórico do termo “estrangeiro” primeiramente conduz o cidadão a um embaraço referente à sua identidade sexual, nacional, política, profissional. Em seguida, empurra-o para uma identificação, certamente casual, mas não menos intensa — com o outro.

A volta ao lugar de origem, portanto, significa, para o imigrante, uma forma de descobrir um espaço no qual se enquadre e onde ele reconheça o seu lar. Porém, ele percebe que esse lugar que gostaria de chamar de “lar” é muito mais complexo do que meramente o reconhecimento de uma localização geográfica e física ou o simples registro do local de nascimento. O retorno, desse modo, implica um posicionamento cercado por incertezas e questionamentos. Não há uma identificação imediata, como se havia esperado, gerando, nesse indivíduo, um sentimento de frustração, deslocamento e busca constante e inacabada.

No Egito, Hani não demonstra ter muita paciência com a sua família nas indagações e demonstrações de afeto e felicidade que lhe são dirigidas. Tal atitude nos leva a duas conclusões: 1) de certa forma, há uma americanização em seu modo de interagir socialmente. Ao viver de maneira reclusa e isolada nos Estados Unidos, Hani perdera e/ou esquecerá de que a família egípcia era mais aberta, efusiva, espontânea e acolhedora; 2) há um descompasso nas lembranças de Hani que não lhe permite identificar-se com o comportamento e a cultura egípcia. Em outras palavras, ele se aproximou da cultura e dos costumes do país hospedeiro e distanciou-se de suas raízes. Não pretendo tecer aqui nenhum tipo de generalização a respeito das duas culturas, mas o que se constata no conto é a incapacidade de Hani em se readaptar ao seu país de origem.

Além da inabilidade e pouca disposição para lidar com seus familiares, Hani demonstra estranhamento também em relação à Nancy e ao novo local de trabalho. No escritório, o comportamento dos colegas começa a incomodá-lo. Ele percebe que, muitas vezes, “[...] ele era a única pessoa trabalhando e todo o resto estava socializando”<sup>8</sup> (KALDAS, 2010, p.152), o que demonstra, mais uma vez, seu “desegipcionamento” (termo cunhado por mim!), ou um distanciamento e/ou apagamento de um modo natural de ser egípcio. Porém, a “gota d’água” se concretiza quando o chefe lhe pede para maquiagem alguns números para agradar aos clientes. Seu argumento é: “O Egito não é a América. Na sua América, tudo tem de ser preciso, mas aqui, algumas vezes, precisamos ajudar os nossos clientes”<sup>9</sup> (KALDAS, 2010, p.154). Apesar do desejo do retorno, pode-se dizer que Hani foi

<sup>8</sup> “[...] he was the only one working and everyone else was socializing”

<sup>9</sup> “Egypt is not America. In your America, everything can be precise but here sometimes we need to help our customers”.

traído pela memória, pois ele esperava encontrar um lugar “perfeito”, embora saibamos que fosse idealizado e cheio de defeitos, mas não é bem isso que ele percebe. Vindo de uma cultura profissional do politicamente correto e da precisão de dados, Hani não consegue se adaptar a esse modo de trabalhar. Ter que burlar os dados para manter seu emprego causa um desconforto tão imenso em Hani, que isso se reflete em todas as outras instâncias de sua vida. Ao voltar para casa, no dia desse episódio desagradável e novo, ele se vê “[...] envolvido por um grupo de crianças [...]”<sup>10</sup>, o que o leva a se confundir e a se perder por alguns segundos (KALDAS, 2010, p.155). Esse fato, aparentemente banal, nos revela a sua confusão interior e a falta de segurança e confiança no mundo que o cerca. A partir daí, e com a incumbência de chegar aos números desejados e não aos reais, ele passa a ter pesadelos, acordar suando e a duvidar de sua capacidade até de fazer contas simples de multiplicação.

Já em relação à Nancy e à sua vida social, Hani “[...] descobriu que não tinha nada a oferecer”<sup>11</sup> (KALDAS, 2010, p.153). Enquanto a esposa voltava do trabalho cheia de novidades, histórias das crianças e das novas amizades para lhe contar e, acima de tudo, entusiasmo em relação a tudo que ela estava aprendendo e vivenciando, para Hani, além do trabalho, sua vida “[...] era um espaço vazio”<sup>12</sup> (KALDAS, 2010, p.153). Ele se sentia como um peixe fora d’água, totalmente deslocado e com nada interessante a contribuir. Por exemplo, ao saírem para jantar em casa de parentes, “a conversa se voltaria para pessoas que ele não conhecia, eventos dos quais não havia participado ou política que não compreendia totalmente”<sup>13</sup> (KALDAS, 2010, p.153). O que poderiam ser momentos de prazer e descontração para Hani passam a ser momentos de agonia e apreensão. Obviamente que tantos anos distante do Egito lhe deixariam distanciado do que havia ocorrido lá, mas o que chama a atenção é o fato de Hani não conseguir se fazer adaptar, tentar se enquadrar, buscar retomar e, talvez, até, começar partindo do pouco que ele sabia e lembrava. Edward Said (2003, p.59) afirma que, “para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente”. Aqui, no caso, o novo ambiente é justamente aquele que Hani primeiro conhecera e do qual se lembrava. Porém, sua memória o atraiçoa, e ele não consegue lidar com tamanha frustração. Sara Ahmed (1999, p.343; grifo da autora), em seu artigo intitulado “Home and away: narratives of migration and estrangement”, prolonga essa discussão, ao afirmar que:

A analogia entre lugares e memórias é sugestiva, embora possamos querer fazer tal analogia por diferentes motivos: trata-se da impossibilidade de retorno que os une. Ou seja, é impossível voltar a um lugar que era vivido como lar, precisamente porque o lar não é exterior a um indivíduo, mas implicado nele. Os movimentos dos mesmos entre os lugares que vierem a ser habitados como lar envolvem as descontinuidades de biografias pessoais e rugas na pele. A experiência de deixar o lar na migração é, portanto, sempre sobre a *falha de memória para completamente compreender o lugar que o indivíduo passa a habitar*, uma falha que é experienciada no desconforto de habitar um corpo migrante, um corpo que se sente fora do lugar, que se sente desconfortável neste lugar. O processo de voltar para o lar também diz respeito às falhas de memória, de não ser habitado, da mesma forma por aquilo que parece familiar.<sup>14</sup>

<sup>10</sup> “[...] sucked into a group of children [...]”.

<sup>11</sup> “[...] found he had nothing to offer”.

<sup>12</sup> “[...] was empty space”.

<sup>13</sup> “The conversation would turn to people he didn’t know, events he had not been there for, or politics he didn’t fully grasp”.

<sup>14</sup> “The analogy between places and memories is suggestive, though we may want to make such an analogy on different grounds: it is the impossibility of return that binds them together. That is, it is impossible to return to a

E são exatamente essas falhas ou traições da memória que fazem com que Hani opte pelo retorno aos Estados Unidos. Em um primeiro momento, sua decisão pega Nancy, e o leitor, obviamente, de surpresa, afinal, morar no Egito foi o que ele mais desejou durante mais da metade de sua vida. Porém, a segunda grande surpresa que se apresenta no conto é o fato de Nancy não querer retornar com ele. Sua adaptação no Egito havia sido tão bem-sucedida, tanto profissional quanto socialmente, que, para ela, ficar diz respeito a ocupar um espaço em que se sente necessária e útil. Há, aqui, uma inversão de expectativas do ponto de vista do que o texto nos apresenta, assim como uma inversão e descompasso entre os valores e projetos dos dois personagens.

Para Fatima Mujčinović (2004, p.108), o lar “[...] recebe um significado da matriz cultural que informa e influencia a identidade do sujeito — o ambiente social familiar da família, amigos, comunidade, e as práticas sociais — e está associado aos sentimentos de enraizamento, pertencimento e segurança”.<sup>15</sup> Porém, não é isso que ocorre com Hani no Egito. Em seu retorno, a matriz cultural que ele guardara na memória não corresponde ao que ele encontra. Ele queria que as pessoas falassem do irmão e da guerra, porém, essa lembrança “[...] parece ter sido apagada das estruturas diárias de suas vidas”<sup>16</sup> (KALDAS, 2010, p.151). Hani não se dá conta de que tanto a morte do irmão quanto a guerra haviam sido problemas marcantes e decisivos apenas para a sua vida e de seus pais, mas não tiveram a mesma importância ou intensidade para os demais parentes e amigos. Por isso, é possível afirmar que há uma desestabilização do conceito de lar que Hani havia idealizado em relação ao Egito, pois o que Mujčinović enumera como pontos cruciais para essa significação não se realiza para Hani em seu retorno.

Utilizo também a explicação de Patricia Goldblatt ([s.d.], p.133; grifo da autora) sobre como as crianças exiladas reagem ao retornarem ao local de origem para confirmar esse aspecto subjetivo do conceito de lar:

Essas crianças exiladas, perdidas e buscantes, [...], que foram forçadas a sair de sua terra natal, aprendem que seu *lar* deve estar dentro delas, já que apenas sua imaginação está livre de violação. Ao voltarem para casa, elas enfrentam e devem aceitar as mudanças que naturalmente resultam com o tempo. Elas descobrem um mundo que se transformou ou um mundo que não está mais de acordo com a sua nova sensibilidade. O estimado *lar* agora só permanece na memória, [...], pois deixa de existir na realidade.<sup>17</sup>

---

place that was lived as home, precisely because the home is not exterior to a self, but implicated in it. The movements of selves between places that come to be inhabited as home involve the discontinuities of personal biographies and wrinkles in the skin. The experience of leaving home in migration is hence always about the *failure of memory to fully make sense of the place one comes to inhabit*, a failure which is experienced in the discomfort of inhabiting a migrant body, a body which feels out of place, which feels uncomfortable in this place. The process of returning home is likewise about the failures of memory, of not being inhabited in the same way by that which appears as familiar.”

<sup>15</sup> “[...] receives a signification of the cultural matrix that informs and affects one’s identity — the familiar social milieu of family, friends, community, and cultural practices — and is associated with the feelings of rootedness, belonging, and security”.

<sup>16</sup> “[...] seemed to have been erased from the daily fabric of their lives”.

<sup>17</sup> “Those lost and searching exiled children, [...], who have been forced from their birthplaces, learn that their *home* must reside within, for only their imaginations are safe from violation. For, when they return home, they confront and must accept the changes that have naturally accrued with time. They discover a world that has been transformed or a world that no longer accords to their new sensibilities. The treasured *home* now only persists in memories, [...], for it no longer exists in reality”.

Portanto, a escolha de Hani de retornar ao país hospedeiro constitui-se como uma atitude racional, pensada, e até mesmo estratégica. Nesse momento, ela não é mais uma decisão imposta, como havia sido pelos pais, na adolescência, tampouco uma decisão tomada pelo desejo de voltar ao lar imaginário e idealizado. O retorno aparentemente definitivo para os Estados Unidos passa pela necessidade de reestabelecer o vínculo com um lugar que corresponde aos seus valores, sua ética e sua moral. Não há mais sentimento de pertencimento, nostalgia nem apego envolvidos nessa escolha, como havia sido em relação à sua decisão de retornar ao Egito. E seu casamento com Nancy tampouco constitui uma forte razão para que ele fique. Ao perceber a adaptação de Nancy, ele compreende a sua total inadequação e distanciamento daquilo que ele havia alimentado por tantos anos em sua memória. Para ele, o peso da tradição e dos costumes não é maior que a sua consciência e necessidade de fazer o que considera correto. Daí a decisão por voltar sem hesitação ou culpa.

Ele começou a puxar pelas memórias de sua vida na América, recordando o seu pequeno apartamento, suas idas semanais ao supermercado onde comprava o que precisava e ninguém perguntava se estava bem. O anonimato de sua vida lá tornara-se um manto quente que envolvia em torno de si à medida que seguia seu caminho pelo labirinto de ruas. Lembrou-se de seu simples trabalho como contador que ele havia achado tedioso e encontrou algum conforto na memória de colunas claras onde cada número tinha o seu lugar preciso<sup>18</sup> (KALDAS, 2010, p.156).

Apesar de já ter afirmado, anteriormente, que Hani foi traído pela memória, ao acreditar na “felicidade” que encontraria no Egito, o trecho citado complementa meu argumento, porém, de uma perspectiva inversa, pois, ao se lembrar de sua vida nos Estados Unidos, Hani também aposta, mais uma vez, que lá ele encontrará a tranquilidade e o tão almejado lar. Andreas Huyssen (2000, p.37) afirma que “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social”, o que nos leva a concluir que o indivíduo utiliza suas lembranças segundo interesses pontuais e específicos, ocorrendo, assim, incoerências, contradições, fragmentações. Hani acreditava poder resgatar sua ‘identidade’ ao retornar ao local de sua origem, ao convívio com seus parentes, ao contato com o lugar, seus habitantes, as comidas, as tradições, o dia a dia. Ele tentou, na ida para o Egito, atualizar uma memória construída ao longo de 20 anos e levar uma vida que se aproximaria daquela de qualquer outro habitante egípcio, porém, dado o caráter de transitoriedade da memória, esse projeto viu-se fracassado, conforme ele admite para Nancy: “ ‘Não funcionou.’ [...] ‘Isso não é o que eu havia imaginado’ ”<sup>19</sup> (KALDAS, 2010, p.157). Já a decisão de retornar para os Estados Unidos, também calcada em lembranças, acaba se tornando um novo projeto, pois, depois da primeira tentativa frustrada, ele quer acreditar que a vida lá seria melhor.

Assim, o forte desejo pelo retorno, seja para o país de origem ou para o hospedeiro, surge como consequência da angústia inerente ao estado deslocado e fragmentado do sujeito movido, assim como da tentativa de encontrar algo que se busca, mas para o qual não há realização. Hani não consegue encontrar um meio-termo entre os dois lugares, então prefere abrir mão de tudo no Egito, inclusive do seu casamento, para voltar ao conforto e à segurança do que ele considera preciso, exato e concreto, conforme as características de sua profissão. E

---

<sup>18</sup> “He began to tug at the memories of his life in America, recalling his small apartment, his weekly trips to the supermarket where he bought what he needed and no one asked about his welfare. The anonymity of his life there became a warm cloak he wrapped around himself as he made his way through the maze of streets. He remembered his simple accounting job that he had felt was tedious and found some comfort in the memory of clear columns where each number had its precise place.”

<sup>19</sup> “‘It hasn’t worked out.’ [...] ‘This is not what I had imagined’”.

é nessa profissão, desempenhada nos escritórios norte-americanos, que Hani consegue ser ele mesmo. Além disso, nos Estados Unidos, não há as amarras das relações familiares que ele já havia perdido. Lá, ele não precisa ser alvo da atenção de seus parentes, não precisa atender às suas expectativas e responder às inúmeras perguntas sobre a sua vida. Lá, existe um anonimato ao qual se havia acostumado e prezava. Um terceiro fator que parece influenciar sua escolha é que há uma certa sensação de pertencimento nos Estados Unidos devido ao fato de seus últimos 20 anos de vida terem sido vividos lá. Ele conhecia as pessoas, os eventos, a política atual, o que não ocorrera no Egito. Trata-se de um pertencimento presente, atualizado, e não apenas de uma lembrança. Por isso, ele percorre esse caminho inverso, pois o que sua memória recente lhe oferece parece ser mais atraente e menos distante e diferente do que ele havia alimentado e eventualmente encontrado no seu país de origem.

## Referências

AHMED, Sara. Home and away: narratives of migration and estrangement. *International Journal of Cultural Studies*, v. 2, n. 3, p. 329-347, 1999.

GOLDBLATT, Patricia F. How the García girls lost their accents. Book review. *European Journal of Women's Studies*, v. 4, n. 4, p. 129-134, [s.d.].

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik. (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

KALDAS, Pauline. He had dreamed of returning. In: KALDAS, Pauline. *The time between places: stories that weave in and out of Egypt and America*. Lawrence: The University of Arkansas Press, 2010.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MUJČINOVIĆ, Fatima. *Postmodern cross-culturalism and politicization in U. S. Latina literature: from Ana Castillo to Julia Alvarez*. New York, NY: Peter Lang Publishing, 2004.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.